

Muitos pais já sabem, mas outros ainda ignoram ou não conseguem ver nem ouvir: as relações dos filhos com os colegas, os amigos, os conhecidos e os desconhecidos da mesma faixa de idade anda bem complicada -desde a infância, estendendo-se até a maturidade.

De vez em quando, temos a oportunidade de ler notícias que nos dão pistas: brigas, disputas e desavenças entre eles que chegam à violência física e moral e, por isso, transformam-se em notícia. Mas são as ocorrências cotidianas que mais nos fazem perceber o quanto tem sido difícil para eles administrar as relações interpessoais que ocorrem na vida pública.

As relações humanas sempre foram delicadas. Conviver com a diferença, suportar o olhar crítico das outras pessoas e conter impulsos egoístas para conseguir viver com o outro nunca foi fácil ou simples. Mas, num mundo em que crianças e jovens são compelidos a disputar tudo, a buscar ser os melhores e os primeiros, a competir por um lugar de evidência e a ter vantagem pessoal sempre, isso tem sido trabalhoso.

Como se não bastasse essa mistura tão explosiva a interferir nas relações entre eles, ainda há a ausência dos adultos, que poderiam tutelar essas relações quando ainda ocorrem em idade que permite -ou melhor, que exige – educação. Mas não: em nome da liberdade dos mais novos, os adultos têm recuado.

Muitos pais dizem que as crianças e os jovens precisam de espaço para viver. Por isso organizam festas para os filhos e os deixam a sós com os amigos, por exemplo. O que acontece ou pode acontecer nessas festas? E depois delas? Alguns pais já aprenderam, com a experiência, que podem resultar em incidentes bem desagradáveis. Pode ser que um deles seja constrangido a participar de jogos que não quer; ou seja forçado a fazer o que acha que não deve fazer por timidez ou por não concordar, entre outras coisas. Muitas brincadeiras entre eles podem machucar -o corpo ou as emoções. Mas eles insistem que são apenas brincadeiras e ainda expressam menosprezo ou deboche quando o alvo delas reclama.

Nessas horas, a simples presença de um adulto por perto já serviria para conter alguns excessos que eles pudessem cometer e inibir certos comportamentos. Mas onde estão os adultos nessas horas? Longe ou de olhos vendados, ouvidos tapados e boca fechada. E em nome da liberdade dos filhos. Dos filhos? E isso não acontece apenas em festas, não!

Os mais novos estão sozinhos na internet também. Seja comunicando-se por meio de programas de mensagem instantânea; seja em salas de bate-papo; seja num "blog" ou outro dispositivo que a rede oferece, eles se sentem escondidos atrás do computador e soltam as suas feras. É um tal de um roubar a senha do outro para tecer uma rede de comentários maldosos sobre os colegas que não tem fim.

E, quando os pais descobrem -em geral, quando o filho foi alvo de uma dessas "brincadeiras" e pediu ajuda-, acham que é bobagem de criança ou adolescente ou então acreditam que o que lhes resta é ir à escola e exigir dela alguma atitude. Eles esperam que os alunos envolvidos sejam descobertos e punidos.

E por que a escola entra no meio da história? Porque é lá que os filhos estabelecem as suas relações. Reconhecer o outro e por ele ser reconhecido, respeitar o outro e ser por ele respeitado são temas que estão fora dessa jogada.

Seria trabalho de gente grande ensinar a garotada que palavras machucam, que trapaças desrespeitam e que brincadeira é divertimento para todos os que dela participam -e não apenas para alguns.

Mas os adultos acreditam que os mais novos não precisam de tutela quando se relacionam com os seus pares. Pois temos constatado que precisam, sim, e nem seria necessário que eles passassem por tantas situações difíceis para chegarmos a essa conclusão. Eles têm pedido ajuda da maneira que podem, e temos insistido em deixá-los por conta própria.

Não temos ouvido nem entendido os recados que eles enviam. Será que só sabemos ouvir a nós mesmos? A relação entre a autonomia dos filhos e a tutela dos pais e educadores anda bem confusa. Iremos conversar a respeito dessa equação na próxima semana.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)

São Paulo, quinta-feira, 27 de abril de 2006 **equilíbrio**